



Willa
A SALVAÇÃO DA
Floresta

ROBERT BEATTY

Willa
A SALVAÇÃO DA
floresta
ROBERT BEATTY

TRADUÇÃO: ADRIANA KRAINSKI



MILK
SHAKESPEARE



As Grandes Montanhas Fumegantes

1901

O mundo não é plano nem redondo.
É feito de *montanhas*.





Willa se virou na direção do som. Os estalos agudos que a madeira fazia ao se partir atravessavam o ar da floresta feito um trovão. Depois, veio um barulho que parecia de chuva, mas fora produzido por milhares de galhos quebrando e de folhas caindo. Quando o tronco enorme despencou de uma só vez no chão, a terra tremeu sob seus pés descalços. Um vento forte soprou por toda a floresta bagunçando o comprido cabelo cor de musgo de Willa. E quando ela se deu conta do que acabara de acontecer, seu coração se encheu de dor. Os humanos madeireiros haviam cortado o pinheiro enorme que ficava na curva do rio.

Ela ficou paralisada feito um filhotinho de cervo.

Willa costumava se sentar debaixo daquela árvore nas manhãs ensolaradas e ficar vendo o rio passar. Era ali que ela e sua irmã se aninhavam nas noites de neblina e observavam, por entre os galhos estendidos, as Grandes Montanhas Fumegantes e a lua lá em cima. As árvores da floresta lhe ofereceram proteção e abrigo durante toda a sua vida. Elas lhe deram consolo quando sua irmã foi morta, eram seu mundo e seu chão, seu sol e sua canção.

E agora o que ela ouvia eram aqueles homens com seus machados, cortando e serrando e gritando uns com os outros, suas palavras duras e grosseiras ficavam girando em volta da copa das árvores, feito corvos briguentos. Os espinhos detrás do seu pescoço se eriçaram, e Willa sentiu um calor invadir seu corpo todo. Ela sabia que precisava fugir daquela terra devastada ou se

camuflar, fazendo sua pele verde se fundir à folhagem rasteira, para que os olhos humanos não pudessem enxergá-la. Willa precisava correr para longe daqueles pés pesados e escapar daquelas lâminas afiadas.

Mas como ela poderia fugir enquanto seus amigos morriam? Como poderia deixá-los para trás?

Ela precisava dar um jeito nos madeireiros, mas não tinha garras afiadas nem dentes pontudos. Não tinha armas e nem era uma grande lutadora. Ela não *machucava* ninguém, só queria *ajudar*.

Os madeireiros tinham serras de metal dentadas, machados, facas, armas, animais acorrentados, um monte de enghocas de metal para arrastar as árvores assassinadas pela floresta, além das feras fumegantes que rolavam ao longo de trilhos reluzentes. Ela era uma solitária menina Faeran de treze anos sem um clá. Como poderia lutar contra aqueles homens de ferro?

O estrondo de outra árvore explodiu feito uma onda pela floresta, e o vento causado pelo impacto chegou a tocar seu rosto.

Seu coração martelava no peito.

Willa sabia que não podia proteger as árvores do mesmo jeito que elas a protegiam. Que não podia abraçá-las, abrigá-las ou escondê-las do resto do mundo, mas também não podia abandoná-las.

Deu alguns passos indecisos, as pernas tremendo. Os olhos encharcados de lágrimas quentes feito brasas.

E lá se foi, correndo, em direção ao som das árvores caindo.



*W*illa mergulhou num denso matagal e, ao abrir caminho, pediu num sussurro às plantas espinhosas para que virassem os espinhos afiados para dentro e os fizessem deslizar com cuidado por sua pele descoberta e sua túnica trançada, sem machucá-la.

Ao fim do matagal, ela disparou por uma fileira de pinheiros altos, com nada além de agulhas macias e úmidas estalando sob seus pés.

O cheiro de queimado entrou em suas narinas, e ela contorceu os lábios com nojo. A fumaça que pairava pela floresta fazia seus olhos arderem, e o fedor de seiva derramada dominava o ar.

Ela foi deslizando sobre a vegetação rasteira, respirando fundo para se acalmar. A pele do rosto e dos braços coçava ao mudar de cor para se assemelhar às folhas e aos galhos ao redor. Cipós finos e verdes cresceram ao longo de seus membros e torso, como se soubessem que ela era mais parecida com eles do que com os madeireiros.

Por fim, ela parou na beira de uma ravina rochosa, agachou-se e olhou para o outro lado.

Os carvalhos, tulipeiros e castanheiras, os troncos de seus amigos mortos, jaziam no chão, estirados naquela posição indefesa, com os galhos quebrados e as belas folhas arrancadas e esmagadas, a pele da casca rasgada. Ela sabia que precisava ficar quieta, mas não conseguia parar de chorar vendo aquela matança. A bile lhe subiu pela garganta, queimando, mas ela a engoliu. Os madeireiros haviam

abatido muitas árvores, agora as cortavam em partes menores com machados e malhos, roldanas e correntes, picando-as pedacinho por pedacinho.

Ao redor da área de exploração, havia homens segurando rifles, olhando fixo para dentro da floresta. Pareciam caçadores da região, com suas barbas densas, chapéus de pelo de guaxinim e facas nas cinturas, mas não estavam caçando. Eles pareciam estar protegendo os madeireiros. Nos últimos anos, ela via cada vez mais grupos de madeireiros chegarem às montanhas, mas nunca vira aqueles guardas. Alguma coisa devia ter acontecido. Será que estavam com medo dos lobos e dos outros animais selvagens que acreditavam assombrar a floresta que eles mesmos estavam matando?

Willia já chegara a acreditar que aqueles longos rifles de metal eram *bastões de matar* — *armas misteriosas e cruéis que podiam abater animais de longe* —, *mas, desde então, aprendera muita coisa sobre os humanos e sobre sua própria espécie, sobre armas e árvores, sobre amor e ganância e sobre ela mesma.*

Do outro lado da ravina, ela podia ver o enorme pinheiro que viera ajudar. Seu coração chegou a doer quando viu aquele velho amigo — que antes parecia alcançar o céu com seus galhos gigantesco — deitado no chão da floresta, como um gigante derrubado.

Ao cair, a árvore enorme chegou a esmagar muitas outras ao seu redor, já não era uma protetora e aliada, e sim, uma destruidora. Mais de uma dúzia de homens estava de pé sobre o tronco cortado.

Sua avó lhe contou que aquela árvore brotara do solo, abrira seus primeiros ramos ao sol há mais de quinhentos anos e que tem sido uma amiga querida do povo Faeran, que vivia nas cavernas escondidas daquelas montanhas desde aquela época. Agora, aqueles homens comemoravam e aplaudiam a derrubada de um prêmio tão colossal.

O grupo de madeireiros também havia cortado muitas outras árvores menores — faias e bordos —, e os cadáveres estavam sendo puxados por mulas ao longo de rampas quilométricas, que levavam até os trens de carregamento de madeira que desceriam a montanha. Jovens cerejeiras e bétulas foram vítimas também, com seus brotinhos finos, verdes e estreitos cortados e arrastados para a morte. Willia cerrou os dentes e inspirou fundo pelo nariz para tentar se acalmar, mas não adiantava de nada. Ela já vira aquilo antes: os humanos não deixariam nada além de um solo todo descoberto e sem vida.

Olhando para o pinheiro, ela percebeu que, mesmo tendo sido cortado pelos humanos, seu amigo ainda estava vivo, a seiva ainda circulava pelo tronco e pelos galhos, as folhas ainda sugavam a luz do sol e exalavam ar puro. As árvores em volta continuavam fornecendo nutrientes para o tronco derrubado através

de suas raízes interconectadas, tentando manter vivo aquele irmão ferido, pois as árvores não *competem* por luz do sol e por água, elas *cooperam* para que todas fiquem de pé, protegendo umas às outras do vento e compartilhando nutrientes, as mais fortes doando para as mais fracas. Deitada no chão da floresta, uma árvore caída levaria meses, às vezes até anos para morrer e, mesmo assim, não estaria morta de verdade. Musgos, e cogumelos, e pequenas flores cresceriam em volta dela. Novas árvores se originariam dela. Besouros, e minhocas, e outras criaturinhas viveriam debaixo de sua casca envelhecida, enquanto raposas fariam tocas na parte oca dos seus ossos. Uma árvore na floresta não morre, no sentido estrito da palavra: ela se transforma em milhares de outras vidas.

Mas nada disso aconteceria agora. Os humanos estavam arrancando a casca do tronco abatido. Eles não davam valor à madeira dos pinheiros. O que eles queriam mesmo era o ácido produzido pela casca da árvore, que usavam para transformar a pele de animais mortos nas roupas que vestiam. Quando acabassem de arrancar a casca do amigo pinheiro, cortariam o tronco e os membros em vários pedaços, arrastariam para algum canto e cortariam em milhares de retângulos compridos que seriam vendidos como uma madeira qualquer.

Willa queria ajudar aquela árvore, curar suas feridas, estancar a seiva que vertia da sua alma ancestral, levantá-la, como ela já tinha feito com tantas plantas da floresta. Mas os madeireiros estavam por todos os lados, em volta dela, atacando-a. E mesmo se ela conseguisse dar um jeito de passar por eles, o pinheiro era grande demais para que ela o curasse ou mesmo o erguesse. Seria preciso umas cem Faeran, fadas da floresta, para fazer algo assim. E, até onde sabia, ela e sua avó, que morrera no ano anterior, tinham sido as últimas.

Da beira da ravina, ela assistia impotente tentando pensar em algo a fazer. Ela sabia que não deveria estar ali. Os humanos, as máquinas, as armas, as árvores caídas... era perigoso demais. Nathaniel e Hialeah, seu pai e irmã adotivos, ficariam furiosos se descobrissem que ela tinha se aproximado tanto dos madeireiros.

Mas, estando na floresta, sua pele, e cabelo, e olhos podiam mudar de cor para se camuflar no ambiente, e os humanos nunca a veriam.

Ao ver os homens cortando o tronco de outra árvore e depois gritando ao vê-la cair no chão, uma dor pungente encheu o peito de Willa e as lágrimas embaçaram seus olhos. Ela mal conseguia enxergar. Estava tão concentrada nos horrores que os madeireiros estavam fazendo lá do outro lado da ravina que deixou de prestar atenção ao seu redor.

E isso foi um erro.

Ela deu um pulo de surpresa quando ouviu um rugido alto e pesaroso e passos pesados e retumbantes logo atrás dela. Ela se virou. Era um urso a uma distância de poucos metros. Correndo bem em sua direção.



O urso disparou em direção a Willa com seus dentes cortantes e garras afiadas. Ela se agachou e protegeu a cabeça com os braços e, no último segundo, o urso se virou, de repente, correndo para o outro lado. Willa piscou, confusa, tentando entender o que tinha acontecido, mas logo o urso tornou a se virar para ela. Ficando em pé, equilibrando-se nas patas traseiras, imenso, mas desviando do olhar da garota, e então voltou a cair, batendo as patas dianteiras no chão, soltando o ar pela boca e rangendo os dentes. O urso não queria atacá-la. Ele andava para frente e para trás, na beirada do penhasco, olhando para a ravina lá embaixo.

Willa avançou ligeiro e foi até a beirada espiar, sentindo-se desolada quando viu um pequeno filhote de urso-negro preso na base da ravina, por onde um riacho corria montanha abaixo. O ursinho estava arranhando a parede pedregosa com as garras, tentando desesperadamente alcançar sua mãe. Willa ficou observando suas tentativas repetidas, arranhando e choramingando. Era tão pequenino, não teria qualquer chance.

Ele escalava uma altura que mal passava do tamanho do seu corpinho e escorregava de novo, sempre uivando para a mamãe urso lá em cima.

— Vamos, garoto, você consegue... — Willa sussurrou baixinho.

O filhote conseguiu se arrastar até uma rocha pequena, subindo um pouco mais.

— Isso aí! — Willa disse, incentivando o pequeno.

A partir dali, o filhote começou lentamente a abrir caminho para cima pelo paredão de rocha, fincando as garras nas fendas e fissuras das pedras e impulsionando o corpo para cima. Quanto mais alto chegava, mais confiante ficava, com as perninhas dando o impulso para fazê-lo escalar cada vez mais rápido.

— Não caia, por favor... — Willa disse, prendendo a respiração, e sentido o coração bater cada vez mais rápido enquanto o observava. Ela mal conseguia acreditar, mas ele estava conseguindo. O pequenino não parava de escalar a parede em direção à mãe. Ele passou pelas rochas cortantes e pelos grandes pedregulhos. *Ele vai conseguir!*

Mas, então, bem no topo do penhasco, a poucos metros da mãe, ele chegou a uma área de cascalho solto que desmoronou. O pequeno urso começou a arranhar às pressas o paredão com suas garras, mas não havia nada em que se segurar. O filhote começou a escorregar pela parede, com as quatro patas abertas, tentando desesperadamente prender suas garras em alguma coisa e uivando pela mãe enquanto caía. Ele bateu em uma pedra e desabou, caindo, caindo, caindo, passando pelas pedras pontudas e pelos pedregulhos, até que seu pequeno corpinho preto atingiu o fundo da ravina e caiu na água. Willa perdeu o fôlego. O filhote ficou lá deitado, metade na água e metade nas pedras, completamente imóvel.

A mamãe urso bufou e avançou com os ombros enormes para além da ravina, tentando descer para buscá-lo, mas o cascalho logo se espalhou debaixo das suas patas, obrigando-a a voltar. Outro passo e ela cairia para a morte.

Enquanto observava a bolinha preta lá embaixo, Willa respirou uma, duas, três vezes. *Levanta, ursinho, levanta!* Quatro, cinco, seis...

Enfim, a bolinha se mexeu. Willa estufou o peito. O pequeno urso se levantou e se sacudiu. Então olhou para cima do penhasco e chorou pela mãe. Ela grunhiu de volta, implorando que ele tentasse mais uma vez.

Willa olhou para o outro lado da ravina. Os madeireiros ainda estavam cortando e picando as árvores. Os guardas com as armas ainda não tinham escutado os ursos, mas ela sabia que logo ouviriam.

Ela respirou fundo e devagar várias vezes, inalando e exalando, inalando e exalando, tentando pensar em uma solução.

Nunca se aproxime das áreas desmatadas, Willa, seu pai alertara tantas vezes. *São muito perigosas, ainda mais para você.*

Willa sabia que ele estava certo. O mundo estava mudando, e ela não conseguiria impedir. Não havia nada que ela pudesse fazer para proteger as árvores dos madeireiros. Mas, ao olhar pela folhagem, pensou que

talvez pudesse ajudar a mamãe urso e seu filhote. Talvez ela pudesse fazer uma coisa boa.

A garota saiu de seu esconderijo nas árvores. E se lançou à frente, passando pela mamãe urso, virando e colocando os pés para fora para deslizar pela beira do penhasco.

Ela despencou pela parede íngreme da ravina, com as mãos arrastando pela pedra escarpada para tentar desacelerar sua queda. O desfiladeiro tinha a profundidade da altura de uma árvore. Quando chegou à base, estava ofegante, e os dedos e a palma das mãos sangravam.

Sua pele começou a coçar enquanto, por instinto, foi assumindo os tons cinza e marrom das pedras a sua volta. Ela pensou que, ao se mimetizar com o ambiente, ficaria mais calma e teria tempo para recuperar o fôlego, mas suas orelhas se ergueram. Olhou para cima na mesma hora, para o outro lado do penhasco, esperando ver os madeireiros ou algum outro tipo de perigo. Seus sentidos quase nunca erravam. Examinou todo o penhasco. Mas, por mais estranho que fosse, não havia ninguém lá.

Willa foi abrindo caminho pelas pedras para chegar ao filhote. O pequeno urso olhou para ela com seus olhinhos marrons suplicantes. Quanto mais ela se aproximava, mais alto ele chorava, desesperado para que ela o alcançasse. Se Willa fosse humana, ele teria fugido, assustado. Mas ele não tinha medo. Ela não era sua mãe, mas o ursinho sabia que ela estava ali para ajudar.

— *Dela dua mar, eeluin* — ela sussurrou na antiga língua Faeran. *Chegou a hora, pequenino.*

Quando estava prestes a alcançar e segurar o filhote, sentiu um arrepio nos espinhos da nuca. Ela se virou rápido e olhou para o paredão da ravina. Sentiu um calafrio percorrendo os braços. Havia algo ali, por mais que ela não visse, ela tinha certeza. Ao passar os olhos pelas rochas, não conseguiu identificar nada de estranho, mas uma coisa era certa: ela e o filhote precisavam sair daquele lugar o mais rápido possível.

Ela se abaixou e ergueu o filhote por sobre seus ombros.

— *Telic meh uma, eeluin.* — *Vamos ter que escalar, pequenino.*

Sabendo bem o que fazer, o filhote se agarrou às costas dela e enrolou as pernas no seu tronco. Willa estremeceu ao sentir as garras do ursinho fincadas na lateral do seu corpo. Ela mal conseguia respirar, mas pelo menos sabia que assim ele não cairia.

Willa ouviu o som do cascalho se agitando atrás dela. Ela se virou na hora, pronta para um ataque. Mas não havia ninguém ali. Franzindo a testa,

analisou as pedras, poderia jurar que alguém se esgueirava por trás dela, mas não tinha tempo para procurar.

A garota voltou ao paredão de pedra e começou a escalar. Os dedos das mãos se prendiam nas fendas e os dos pés conseguiam encontrar algumas pequenas protuberâncias nas rochas que usava para ganhar impulso, mas o peso do filhote nas suas costas tornava a subida mais difícil do que ela esperava. Alcançou um apoio acima da cabeça e tentou se erguer até lá, mas seus dedos estavam escorregadios por causa do sangue, e Willa acabou soltando. E, de repente, alguma coisa começou a empurrá-la. *Mãos*, mãos de verdade a empurravam para cima. Então ela sentiu o apoio de um par de ombros.

— Estou aqui para te ajudar — disse a voz de uma menina.

— O qu... quem é você? — Willa disse, confusa, ao olhar para baixo, mas sem conseguir ver quem a ajudava.

— Não pare de escalar! — a garota disse, empurrando.

Sabendo que seria sua única chance, Willa subiu mais uma vez, com os dedos presos em uma fenda, e se ergueu. Depois, agarrou-se a uma rachadura acima, e foi na direção da próxima. E assim foi escalando, mão após mão, segurando-se aqui e ali, com o filhote pendurado, choramingando, enquanto subiam cada vez mais.

— É isso aí! — disse a voz vindo da base da ravina.

Willa olhou para baixo e viu o rosto pálido de uma menina humana olhando para ela. Ela parecia ter uns doze ou treze anos, o cabelo comprido era da cor do trigo.

— Você consegue — a garota torceu por ela, balançando a cabeça em apoio. — Mas tem que ser rápido, eles estão vindo aí!

Willa não queria se distanciar da menina, mas sentiu os músculos tremerem e os dedos escorregarem de onde estavam apoiados.

Willa subiu até a próxima rachadura, e mais uma, e mais uma. Ainda escalando, passou pelos pedregulhos maiores e pelas pedras pontudas. Estava quase no topo. Ao avistar um ramo de florezinhas amarelas penduradas para fora da beira do penhasco, suspirou, esperançosa. Ela precisava chegar até aquelas flores! Mas então a ponta de uma pedra quebrou debaixo dos seus pés e ela escorregou. Meio escalando, meio correndo, ela engatinhou pela parede do penhasco, já que a única saída era subir o mais rápido que podia, com as mãos e pés lançando para trás o cascalho que se soltava das rochas. O ursinho grunhia, aterrorizado. A mamãe urso rugia lá de cima, batendo as patas no chão. Em um último salto desesperado, Willa se atirou para cima e se agarrou à pata enorme da mamãe urso, cerrando os dedos em volta daquelas garras

grossas e curvas. Em um movimento agitado, a urso enorme a puxou para cima. O braço de Willa passou raspando por uma pedra, cortando a pele. Seu rosto agora estava rente ao chão e a boca cheia de terra, mas ela aguentou. No instante em que sentiu a textura de madeira dos cipós de jasmim debaixo das mãos, agora agarradas ao topo do penhasco, disse quase sem fôlego:

— *Florena!*

Os cipós envolveram seus punhos e dedos para segurá-la, e Willa levantou o joelho até a beirada da ravina. Tentando recuperar o ar, ela finalmente alcançou o nível do solo e despencou, enquanto os cipós e o filhote se soltavam dela.

Willa se agitou depressa até chegar de novo à beira da ravina e olhar para baixo. A garota de cabelos cor de trigo, seja lá quem fosse, não estava mais lá.

A mamãe urso e o filhote agora estavam juntos, se apertando e se esfregando, fazendo um som profundo, ritmado e pulsante, que Willa sabia que significava a extrema felicidade deles por terem se encontrado. Ao se sentar e abrir os braços para um grande abraço, a mamãe urso agarrou Willa também, puxando-a com o filhote para junto do seu corpo, cheirando os dois com o focinho gigante. A pele de Willa foi ficando preta e com a textura dos pelos de urso, fazendo-a desaparecer no colo daquela mamãe. O calor do corpo da urso e o cheiro forte e almiscarado fizeram seu estômago revirar. O pelo grosso na sua boca e nariz quase a sufocavam, mas ela não ligava. Estava muito aliviada por ter conseguido ajudar os dois.

— Olha lá! — um homem gritou do outro lado do penhasco.

Assustada, Willa se agachou. Os madeireiros e guardas estavam reunidos e alguns deles apontavam para onde ela estava.

— É um urso! — um dos madeireiros gritou.

— Meu senhor, olha só para aquilo! — disse um outro. — Deve ter uns quinhentos quilos!

Ciente do perigo dos humanos, a mamãe urso começou a correr, grunhindo para ordenar que o filhote ficasse perto dela. Willa correu com eles, com a cabeça baixa para manter o disfarce dos pelos pretos dos ursos.

Um homenzarrão, que parecia estar no comando, em cima de um cavalo marrom-escuro, foi cavalgando até os demais homens do outro lado da ravina.

— Não fiquem aí parados só olhando — ele ordenou. — Com essa carne dá para alimentar o acampamento inteiro. Atirem!

Os guardas colocaram os rifles nos ombros e abriram fogo.

Willa gritou, envolvendo o filhote com seu corpo ao ouvir os tiros cortando o céu.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do
vírus HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM MARÇO DE 2022